

Josiley Souza

Organizador

Histórias contadas no Jardim Mandala



Belo Horizonte

FALE/UFMG

2018

Diretora da Faculdade de Letras
Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretora
Sueli Maria Coelho

Comissão editorial
Elisa Amorim Vieira
Emília Mendes
Fábio Bonfim Duarte
Luis Alberto Brandão
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico
Glória Campos – Mangá Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais
Olivia Almeida

Diagramação
Giulia Leroy

Revisão de provas
Bruna Honório
Estella Vidotti

ISBN
978-85-7758-339-3 (digital)
978-85-7758-340-9 (impresso)

Endereço para correspondência
LABED – Laboratório de Edição – FALÉ/UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3108
31270-901 – Belo Horizonte/MG
Tel.: (31) 3409-6072
e-mail: vivavozufmg@gmail.com
site: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Sumário

- 5 Da ponta da língua à ponta do lápis:
histórias destas histórias**
- 17 João Jiló**
- 21 Orelha de coelho**
- 29 O couro do piolho**
- 37 Homem do Dedão**

Da ponta da língua à ponta do lápis: histórias destas histórias

Esta publicação é resultado de uma proposta que envolveu o entrecruzamento de diferentes linguagens e mídias: *performance*, gravações em áudio e vídeo, transcrições e transcrições. A exemplo de outras publicações da coleção *Viva Voz*, este livro foi concebido e elaborado na disciplina de graduação Edição de Textos Orais, ministrada pela Profa. Sônia Queiroz, no segundo semestre de 2015, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O videolivro *Histórias contadas no Jardim Mandala* é um trabalho que apresenta uma roda de contação de quatro narrativas de tradição oral a partir de registros feitos com contadores de histórias do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. As histórias contadas por mim foram registradas em áudio e vídeo. Após a edição das gravações em vídeo, para composição do DVD, as histórias foram transcritas e transcriadas.

Os registros feitos com contadores do Vale integram o acervo do projeto de extensão e pesquisa *Quem conta um conto aumenta um ponto*,

da Faculdade de Letras da UFMG, que foi coordenado por Sônia Queiroz e desenvolvido de 1995 a 2006. Esse projeto trabalhou o registro sonoro e escrito de contos orais da cultura popular do Vale do Jequitinhonha, através da edição de CDs e livros destinados, especialmente, ao público do ensino fundamental e médio, nas áreas de Leitura e Produção de Texto. O acervo de gravações é constituído por mais de 200 histórias, além de versos, piadas e conversas gravadas com cinquenta contadores. A maior parte das gravações foi realizada ao longo da década de 1980 e início de 1990, pelos pesquisadores Reinaldo Marques e Vera Lúcia Felício Pereira.

É interessante observar que as histórias que compõem este livro apontam para a grande dinamicidade presente na tradição oral, em que narrativas são transmitidas pela rede oral por diferentes tempos e lugares. O pesquisador Paul Zumthor, por exemplo, explora o conceito de *movência* nas expressões de tradição oral, uma vez que ele observa que essas expressões são caracterizadas por um intenso dinamismo. Zumthor nos lembra no livro *Introdução à poesia oral*, que na tradição oral, com exceção de algumas formas míticas muito ritualizadas, o texto está sempre em movimento e adquire uma forma sempre instável. Assim, pela palavra que no jogo do ouvir e do contar segue um fluxo de transmissão e transformação, as histórias aqui apresentadas integram a

cadeia movente das expressões de tradição oral em que se congregam ressonâncias de diferentes vozes.

“O couro de piolho”, contada por mim a partir do registro feito com Pedro dos Anjos Barbosa, em 1990, em Várzea de Santo Antônio, por exemplo, transita por outras vozes e caminhos. Uma variante dessa história foi publicada por Luis da Camara Cascudo em *Contos tradicionais do Brasil*, cuja primeira edição é de 1946. A exemplo de outras histórias publicadas pelo autor potiguar, a narrativa foi contada por Luísa Freire – a “Velha Bibi” –, que trabalhou na casa da família de Cascudo, com quem o autor conviveu na infância ouvindo histórias. No livro, em nota ao final desta história, Camara Cascudo informa sobre três variantes dessa história publicadas por Aurelio M. Espinosa, em *Cuentos populares españoles*, em 1947. Segundo Cascudo, essa história é corrente em outras regiões da Europa.

Outra variante dessa história aparece no livro *Estórias de Luzia Teresa*, publicado por Altimar Pimentel, na década de 1990. Essa narrativa foi contada por Luzia Teresa, contadora do município paraibano de Guarabira. Além de registros na Europa, Altimar Pimentel também informa sobre registro de variante dessa história feito em Pernambuco.

“A história da crise”, uma das minhas histórias preferidas, contei a partir de gravação feita em Turmalina, em 1988, com o contador Onofre

Cordeiro de Azevedo. Essa história registrada no Vale do Jequitinhonha apresenta um interessante diálogo com histórias narradas por um contador alemão: o Barão de Munchhausen.

O Barão de Munchhausen é um personagem que habita o mundo da ficção, personagem central do livro *As aventuras do Barão de Munchhausen*, mas que mantém forte vínculo com o mundo real, já que foi inspirado em Karl Friedrich Hieronymus von Münchhausen, um militar e senhor rural alemão, que viveu no século XVIII. Hieronymus von Münchhausen teria sido um grande contador de histórias.

Em 1760, Münchhausen, aos 40 anos de idade, abandonou a carreira militar para viver em uma propriedade rural em Bodenwerder, na Alemanha, onde permaneceu até sua morte, em 1797. Foi lá, especialmente em festas dadas para aristocratas da região, que ele desenvolveu sua reputação como contador de histórias. Nesses momentos, após o jantar, Münchhausen contava histórias de suas aventuras na Rússia, onde atuou como militar. Os relatos das aventuras de Münchhausen teriam servido de inspiração para o livro *As aventuras do Barão de Munchhausen*, compilados por Rudolph Erich Raspe e publicado pela primeira vez em Londres, em 1785.

Entre as muitas histórias contadas pelo Barão de Munchhausen, já que no livro ele é o personagem-narrador, há uma narrativa cujo

enredo se desenvolve de maneira muito próxima da história contada por Onofre Azevedo, em *Turmalina*: um grupo de personagens com habilidades especiais se reúne, vence um desafio e alcança direito à riqueza. Há inclusive uma adaptação d'*As aventuras do Barão de Munchhausen* para o cinema, lançada em 1989, com direção do estadunidense Terry Gilliam. É interessante observar os diálogos de cenas do filme com a história narrada no Vale do Jequitinhonha.

Na rede movente em que se inscrevem as narrativas de tradição oral, cabe destacar que o diálogo entre a história registrada no Vale do Jequitinhonha e em terras alemãs não esclarece o caminho percorrido por essa narrativa até a voz de Onofre Azevedo. Talvez, essa história tenha viajado por outros caminhos no próprio território alemão e em outras terras, já que algumas pesquisas identificaram o diálogo de histórias d'*As aventuras do Barão Munchhausen* com publicações mais antigas feitas na Alemanha que reuniram contos orais, como *Facetiae* (1508), de Henrich Bebel, e *Deliciae academicae* (1765), de Samuel Gotthold Lange.

Outro conto presente neste livro é "João Jiló", contada a partir de registro feito também em *Turmalina*, com o contador Francisco Lourenço Borges, em 1987. Além desse registro, publicado por Sônia Queiroz, no livro *7 Histórias de encanto e magia*, em 1999, são encontradas três outras variantes dessa história publicadas em livro no Brasil por Alexina

de Magalhães Pinto, em *As nossas histórias: contribuição do folk-lore brasileiro para a bibliotheca infantil*, em 1907; Lúcia Casasanta, em *As mais belas histórias*, em 1969; e por Maria Selma de Carvalho, José Murilo de Carvalho e Ana Emília de Carvalho, em *Histórias que a Cecília contava*, em 2008.

Na rede movente da tradição oral que entrecruza fios de vozes de diferentes tempos e lugares, é possível descobrir ressonâncias de vozes africanas banto na história do João Jiló. O enredo dessa narrativa apresenta um tabu religioso que é ignorado pelo menino João Jiló: a proibição de se matar animais e comer carne na Sexta-feira da Paixão. Esse personagem desobedece aos conselhos da mãe e decide sair para caçar passarinho durante a Semana Santa. João Jiló então encontra um pássaro, mata-o e o come, ignorando a voz do animal, em forma de canto, que anuncia a interdição alimentar. Devido ao desrespeito a essa interdição alimentar, o menino recebe punição.

O desrespeito a uma interdição alimentar também é tema da história “A mulher que desejava peixe”, registrada no século XIX pelo suíço Héli Chatelain, em Angola, e publicada em *Contos populares de Angola: cinquenta contos em quimundo coligidos e anotados*, cuja primeira edição é de 1894. Assim como na história de João Jiló, em “A mulher que

desejava peixe” um animal retorna à vida depois de ser comido numa situação de desrespeito a uma interdição alimentar.

Outra história que se faz presente aqui é “O coelho esperto”, cujo ponto de partida para minha contação foi o registro feito em Minas Novas, com o contador Joaquim Soares Ramos, em 1997. É interessante observar que a tradição oral do Brasil apresenta muitas histórias como esta, em que animais pequenos, muitas vezes representados pelo coelho, conseguem, por intermédio de esperteza e sabedoria, enganar animais fisicamente mais fortes e superá-los em conflitos e desafios. De onde vêm essas histórias de um tempo em que os bichos falavam? Seria possível identificar as vozes que primeiro transmitiram essas narrativas?

Na tradição oral, verifica-se a inexistência do texto autêntico, original, primeiro. Como já se destacou anteriormente, as expressões poéticas da tradição oral são moventes, caracterizadas por um intenso dinamismo. Desse modo, há, frequentemente, transmissões e inscrições de contos orais permeados por transformações e relações transculturais, uma vez que, no jogo do ouvir e do contar, são congregados elementos diversos, culturais ou narrativos.

Diante das variadas e incontáveis contribuições das culturas africanas na constituição de diferentes expressões da cultura brasileira, é interessante destacar a presença de ressonâncias de vozes afrobrasileiras

nas histórias de coelho. As histórias de animais, se não são exclusivas da tradição oral da África – já que é possível encontrar narrativas de animais em diferentes culturas, como as *Fábulas de Esopo*, na Grécia Antiga, ou as fábulas de La Fontaine, na França –, apresentam-se como tema recorrente em contos orais transmitidos em território africano.

Luis da Camara Cascudo, em a *Literatura oral no Brasil*, de 1984, por exemplo, chamou a atenção para as narrativas de animais na África, especialmente aquelas em que animais pequenos, fazendo uso da astúcia, da inteligência e da esperteza, superam animais grandes e fortes em desafios. O próprio Cascudo, em 2002, no conto “A pata do coelho”, publicado no livro *Made in Africa*, destaca o coelho, personagem sempre hábil e astucioso, como um dos heróis de contos orais transmitidos na África, “nas margens do Índico e do Atlântico”. Ele observa, por exemplo, que o suíço Héli Chatelain, em Angola, no final do século XIX, e o alemão Leo Frobenius, na foz do Níger, na primeira metade do século XX, registraram histórias de coelho. Camara Cascudo também informa sobre registros de histórias de coelho – o *uncle rabbit* – entre negros nos Estados Unidos. O pesquisador afirma ainda ter ouvido histórias de coelho em Moçambique e Angola, no alto do Zambeze e nas fronteiras de Katanga.

O suíço Henri Junod, em pesquisa realizada no sul de Moçambique e publicada pela primeira vez em 1911 sob o título *Life of a South African Tribe*, também destaca a presença do coelho. Essa publicação de Junod, organizada em dois volumes, traduzida para o português com o título *Usos e costumes bantu*, apresenta em mais de mil páginas estudos sobre a cultura tradicional do povo tsonga, falante da língua banto chitsonga, que habita o sul de Moçambique. Nesse estudo, foram incluídos registros de textos de tradição oral em verso e prosa.

No volume 2, intitulado *Vida mental*, Junod dedicou a segunda parte à literatura e à arte do povo tsonga, em que apresenta um estudo sobre a tradição oral. O pesquisador suíço propõe uma classificação dos contos orais em seis grupos, tendo como base a ação dos personagens. Ele propõe que o primeiro grupo seja constituído pelas narrativas de animais, aquelas que, segundo o pesquisador, seriam as mais recorrentes na tradição oral do povo tsonga. Nesse grupo, o pesquisador destaca a presença das histórias de coelho, inclusive com a inclusão de registros de algumas narrativas em que esse personagem, sempre fazendo uso da astúcia e da inteligência, consegue superar animais maiores em situações de disputas e desafios.

Também o pesquisador moçambicano Lourenço Joaquim da Costa Rosário, que na década de 1980 realizou pesquisa sobre narrativas

orais no Vale do Zambeze, em Moçambique – publicada em 1989, no livro *A narrativa africana de expressão oral* – observa que o coelho é o herói mais frequente na região, também em situações em que o animal pequeno, pela astúcia e esperteza, derrota animais maiores, apresentados como estúpidos ou brutos.

Outra história em que se destaca a presença afrobrasileira é “Pai Urubu e Pai Jacarandá”, contada com base no registro feito no povoado do Vau, em Diamantina, em 1988, com o contador Pedro Braga. Além do registro sonoro, também tive acesso ao texto escrito, já que Pedro Braga, mesmo tendo frequentado a escola apenas por de cerca de quatro anos, sempre cuidou em registrar por escrito as histórias contadas oralmente.

Pai Urubu e Pai Jacarandá são personagens negros do período da escravidão, que aparecem em histórias narradas no contexto do auge da mineração na região do antigo Arraial do Tijucu, hoje Diamantina. Nas histórias, esses negros designados como “pai” exercem uma liderança entre os demais negros escravizados e possuem poderes mágicos. No povoado de Milho Verde, há inclusive em um trecho do Rio Jequitinhonha o “poço do Pai Jacarandá”, que ganhou esse nome por ser o local onde ficava o Pai Jacarandá durante os trabalhos da mineração.

Na história “Pai Urubu e Pai Jacarandá”, é narrado um episódio em que os negros se reuniam para festejos em dia de folga dos trabalhos na mineração. Nessa narrativa, destacam-se os poderes mágicos de Pai Urubu e de Pai Jacarandá que são manifestados pela palavra falada. Percebe-se que as palavras de Pai Urubu e Pai Jacarandá fazem ressoar na narrativa elementos das culturas africanas, uma vez que, nessas culturas, a exemplo do poder que as palavras desses negros guardam, a palavra falada é dotada de uma força vital. Como destacou Amadou Hampaté Bâ, etnólogo e escritor do Mali, no artigo “A tradição viva”, publicado no livro *História geral da África I*, nas sociedades tradicionais da África negra, o ser humano possui uma forte ligação com a palavra transmitida oralmente. Além de guardar memória e saberes de uma comunidade, ela possui um poder sagrado, que está vinculado a uma origem divina. Por guardar forças ocultas, a palavra oral nessas sociedades deve ser utilizada com prudência, pois se configura como um agente mágico por excelência. É interessante destacar que nessa história, a manifestação dos poderes mágicos de Pai Urubu e Pai Jacarandá acontece no uso da palavra *angaro*, termo que aparece nas línguas banto umbundo e quimbundo com o sentido de ‘galo’.

Assim, por essas histórias, revelam-se as intensas dinâmicas multifacetadas pelas quais se tecem e se transmitem as narrativas de

tradição oral. Para aqueles que são professores e se dedicam ao ensino de Língua Portuguesa e Literatura, esse videolivro surge também como interessante sugestão para o trabalho com oralidade e escrita. Além da possibilidade de se explorar essas histórias em aulas de língua e literatura, a metodologia utilizada no desenvolvimento do videolivro torna-se uma interessante alternativa para o trabalho com oralidade e escrita. Aqui, histórias foram contadas, gravadas, escritas e contadas de novo. Dessa forma, no decorrer da disciplina, professora e alunos dividiram-se entre as tarefas de gravar, escutar, escrever, discutir, editar e costurar.

Fica, então, a sugestão para que, no trabalho com Língua Portuguesa e Literatura, os professores convidem os alunos para pensar o texto criativamente nos entrecruzamentos do oral e do escrito. Nessa perspectiva sempre explorada por Sônia Queiroz, os alunos podem ocupar o lugar de autores e leitores no trabalho com variadas linguagens – textos orais e escritos, gravações em áudio e vídeo.

Josiley Souza

João Jiló

Lá para o lado do Jequitinhonha, havia um menino, atentado, malcriado, traquinas toda vida. O nome dele era João Jiló.

Estava na época de Semana Santa (lá no interior, dizem que, na época de Semana Santa, o pessoal costuma ficar quieto em casa, não fala alto, não liga rádio, ninguém casa, ninguém dança em época de Semana Santa). O João Jiló, atentado demais, cismou que ia sair para o mato para passarinhar. A mãe dele disse:

– Menino, ocê não vai não que vai acontecer alguma coisa ruim com cê, porque época de Semana Santa não é época da gente matar nada.

João Jiló, teimoso demais, pegou a espingardinha, colocou ela nas costas e saiu.

Andou, andou, andou... Chegou lá, tinha uma árvore alta e, lá no alto, tinha um passarinho. Era um passarinho diferente do que se estava acostumado a ver, mas o menino nem ligou. Pegou a espingardinha

assim, fez a mira e, quando ele foi pra puxar o gatilho, o passarinho cantou:

– Não me mata não, João Jiló / Tô aqui pra cantar, João Jiló / Sou bichim do mato, João Jiló / Para piá.

Mas o menino nem ligou para aquela cantoria, puxou o gatilho e derrubou o passarinho no chão. Ele foi se aproximando e, quando foi para apanhar o bichinho, não é que ele cantou de novo?

– Não me panha não, João Jiló / Tô aqui pra cantar, João Jiló / Sou bichim do mato, João Jiló / Para piá.

O menino, que não estava nem aí para aquela cantoria, pegou o passarinho e pegou o caminho de casa. No meio do caminho, ele começou a pensar: *Eu não vou levar esse passarinho lá pra casa não, porque mãe não vai deixar eu mexer nele. Eu vou arrumar ele aqui mesmo.* Mas, quando ele foi arrancar a primeira pena do passarinho, olha a danada da cantoria aí de novo:

– Não me despena não, João Jiló / Tô aqui pra cantar, João Jiló / Sou bichim do mato, João Jiló / Para piá.

E o menino depenou o passarinho; depois ele acendeu um fogo para sapear o passarinho. Quando a chama estava alta, o menino foi para chegar o passarinho no fogo, a tal da cantoria de novo:

– Não me sapeca não, João Jiló / Tô aqui pra cantar, João Jiló / Sou bichim do mato, João Jiló / Para piá.

E o menino não estava nem aí para aquela cantoria do passarinho e sapecou o bicho. Sapecou ele bem sapecadinho; depois correu com ele lá para o rio para partir o bicho. Mas ele foi para partir o passarinho, a tal da cantoria de novo:

– Não me parte não, João Jiló / Tô aqui pra cantar, João Jiló / Sou bichim do mato, João Jiló / Para piá.

E o menino, que não estava nem aí, partiu o passarinho. Lavou ele bem lavadinho e depois deixou ele lá no sol uns dois dias secando. Depois do bichinho bem seco – ainda era época de Semana Santa, ele foi para cozinha, escondido da mãe, para fritar. Colocou a gordura no fogo. Quando ela estava pipocando, que o menino foi para jogar o passarinho lá dentro, olha ele cantando de novo:

– Não me frita não, João Jiló / Tô aqui pra cantar, João Jiló / Sou bichim do mato, João Jiló / Para piá.

E o menino fritou o passarinho, bem frito. Quando ele foi para comer, não é que ele cantou ainda pela derradeira vez?

– Não me come não, João Jiló / Tô aqui pra cantar, João Jiló / Sou bichim do mato, João Jiló / Para piá.

E o menino não estava nem aí para o bicho cantando e comeu o passarinho. Mas depois que ele comeu o passarinho, a barriga dele começou a crescer, a estufar, até virar um mundo de barriga. Lá de dentro da barriga dele, começou a sair uma voz. A voz falava assim:

- Ui, ui, eu quero sair.

O menino falou:

- Ah, se você quer sair, você sai.

- Ui, ui, eu quero sair.

- Ah, se você quer sair, você sai.

- Ui, ui, eu quero sair.

- Não já falei? Se você quer sair, você sai – disse o menino.

De repente, TUUUMMM!!!!!! A barriga do menino estourou e o passarinho foi embora. E dizem que o passarinho está por aí até hoje, voando e cantando a tal da musiquinha:

- Não me mata não, João Jiló / Tô aqui pra cantar, João Jiló / Sou bichim do mato, João Jiló / Para piá.

João Jiló, história contada pelo professor e contador de histórias Josiley Francisco de Souza, foi transcrita por Jordana Nogueira e editada por Fabricio Miguez.

Orelha de coelho

Segue uma explicação científica por que o coelho tem orelha grande:

Deus, quando criou o mundo, foi dando uma qualidade para cada bicho. Deu para o elefante o tamanho dele; para o leão, a força; deu para girafa o pescoço grande, e foi distribuindo uma qualidade para cada um. O coelho ficou nervoso com isso. E disse:

– Não pode uma coisa dessas, o leão, aquele bicho bravo daquele jeito, se eu sair daqui ele me pega e come e não dá nem tempo de eu correr. E eu sou aqui esse bichim pequenininho tenho que ficar escondido dentro de toca, porque se eu saio, um bicho maior me pega. Eu vou lá e eu vou conversar com Deus. Eu não aceito ficar assim mais não, vou reclamar e melhorar minha condição.

O coelho saiu e foi lá para o céu para conversar com Deus. Mas não se sabe como ele fez pra chegar lá, porque ele não voava. Chegando lá, já era final de tarde e Deus estava um pouco cansado e com muitas coisas pra resolver. O coelho, então, disse:

- Ô Deus, eu vim aqui porque eu quero reclamar da minha condição, assim não tem jeito! Cê me fez esse bicho aqui pequeno, fraco desse jeito, e os outros são fortes, bravos e eu tenho que viver escondido se não os bicho maiores me comem. Eu não quero ficar assim mais não, eu vim cá para reclamar da minha condição.

Deus olhou para aquele bichinho, cansado, e disse:

- Tá bom, eu te dou força e tamanho, mas você tem que conseguir pra mim três qualidade de coisa. Você tem que conseguir um litro de leite de onça, a cabeça de uma sucuri e o couro dum jacaré. Se você conseguir essas três qualidades de coisa eu te dou força e tamanho.

O coelho desceu e resolveu tentar conseguir as três coisas. Ele parou e pensou: *A onça tem oncinha então ela deve ter leite!* Ele teve a ideia de entrar no lugar onde a onça sempre passava, começou a cortar um tanto de cipó, foi então que onça chegou e ficou olhando pra ele cortando, e disse:

- Uai, coelho, cê tá doido? O que cê tá fazendo no meio desse mato cortando cipó desse jeito?

- Uai, dona onça, cê num tá sabendo não? Tá vindo aí uma tempestade, um negócio que vai vim pra arrasar tudo, vai morrer tudo enquanto é bicho que tem no mundo e só vai sobrar aquele bicho que tiver bem amarrado numa árvore.

– Nossa, mais eu não posso morrer não, eu tenho minha oncinha pra criar, como que eu vou fazê?

Desesperada, pediu ao coelho que a amarrasse na árvore, pois não queria morrer de maneira alguma. O coelho atendeu ao pedido da Dona onça:

– Bom, eu até amarro ocê, mas tem que trazer um cipó forte.

O coelho amarrou bem forte a onça no pau, depois amarrou também a oncinha, e quando ela estava bem amarrada foi lá com a garrafinha, encheu ela no peito da onça e saiu correndo.

Ele ficou pensando como faria para conseguir o couro do jacaré. Fez um plano e chegou no lugar onde estava o jacaré, perto da lagoa e disse:

– Ô jacaré, tô precisando demais da sua ajuda. Fiquei sabendo que a cotia tá doente e eu tô precisando visitar ela e os bicho me falô que ocê conhece a redondeza e os caminho todo aí, então eu queria saber se você pode me levar na casa da cotia porque eu não sei chegar lá.

O jacaré aceitou levar o coelho na casa da cotia, embora tenha achado aquilo tudo muito estranho, pois não sabia de nenhum bicho doente.

– Eu vou andando e você vem atrás de mim. – disse o jacaré.

O jacaré foi na frente, andando meio distraído sem prestar atenção em muita coisa, e o coelho atrás seguindo ele. O coelho tirou um pau de dentro de uma sacolinha e bateu na cabeça do jacaré, porém o jacaré não morreu e saiu correndo atrás do coelho. E o coelho foi embora.

– Gente, e agora? Se eu voltar lá esse jacaré me come.

Então o coelho teve uma ideia, e colocou uma roupa diferente, de outra cor, e voltou. Chegando lá, quando o jacaré avistou o coelho, partiu para cima dele.

– Que isso jacaré porque cê tá me atacando desse jeito?

– Não, cê veio aqui ontem me dar uma cacetada na cabeça e agora eu vou te pegar.

– Não! Não foi eu não, você não tá vendo como eu tô diferente, deve ter sido algum parente meu.

O jacaré ficou olhando para ele com aquela roupa diferente;

– Deve ter sido ocê mesmo não! Mas o que é que ocê tá fazendo aqui?

– Ah, pois é jacaré! Eu vim porque eu fiquei sabendo que o macaco tá doente e eu não sei de jeito nenhum onde é que ele mora, e os bicho tá falando que ocê é inteligente demais, eu tô precisando de ir lá e eu vim pro cê me falar onde que é.

O jacaré olhou e disse:

– É, ocê parece que é gente boa! Eu vou te levar lá. Mas ontem, eu falar com cê, seu parente, se eu ver ele eu mato ele. Ele veio aqui e me deu uma cacetada na cabeça que se pega aqui nesse mole eu tinha morrido.

O coelho atento no que o jacaré estava dizendo, perguntou:

– Na onde que ele ia matar ocê?

– Aqui ó! Se pega aqui eu tinha morrido.

– Mas que isso jacaré, de jeito nenhum, eu nunca vou fazer isso com uma pessoa que tá me ajudando. Mas aonde mesmo que ele ia te matar?

– Aqui ó! Se pega aqui eu tinha morrido.

O jacaré foi andando e o coelho atrás, quando ele viu que o jacaré estava meio distraído, tirou o pau da sacolinha foi lá e bateu no mole do jacaré. O coelho tirou o couro dele e foi embora. Agora faltava só a tal da cabeça da sucuri.

Ele pensou muito no que ia fazer, e no outro dia bem cedo foi até a toca onde a sucuri morava abriu o saco e começou a gritar:

– Cabe, se eu tô falando que cabe é porque cabe!

E repetiu:

– Cabe, se eu tô falando que cabe é porque cabe!

E de repente foi saindo uma sucuri enorme de dentro do buraco.

- Que isso coelho? Eu tô aqui dormindo e ocê taí gritando, ficou doído?

- Que isso sucuri! É que aquele macaco ali na árvore, tá rindo e falando que a senhora é um bicho muito cabeçudo e eu tô falando que a senhora não é cabeçuda. Tava falando inclusive, que a cabeça da Senhora não cabe aqui dentro desse saco, e eu tô falando que não, que a senhora não é bicho cabeçudo, que a cabeça da senhora cabe dentro desse saco.

A sucuri ficou brava com esse negócio!

- Pois é sucuri! Põe a cabeça aqui nesse saco e mostra pra ele que a cabeça da senhora cabe aqui dentro.

A sucuri enfiou a cabeça no saco, o coelho tirou o facão cortou a cabeça dela e foi embora. No outro dia cedo, foi para o céu conversar com Deus. Entregou a ele a cabeça da sucuri, couro de jacaré e o litro de leite de onça. Deus ficou assustado com isso.

O coelho animado, disse:

- Então Deus, agora o Senhor me dá força e tamanho, eu não quero ficar desse tamanho não!

- Eu não posso te dar força e tamanho não, você, um bichim desse tamanim, fez esse tanto de coisa, se eu te der força e tamanho você vai acabar com meu mundo que eu custei pra fazer. Mas pra você

não ficar triste eu vou fazer o seguinte – Deus bateu palma três vezes e aí a orelha do coelho cresceu.

– É por isso que o coelho tem essa orelha grande que todos veem por aí.

Orelha de coelho, história contada pelo professor e contador de histórias Josiley Francisco de Souza, foi transcrita e editada por Jordana Nogueira Matos.

O couro do piolho

Há muito tempo atrás, lá pras beiras do Jequitinhonha, nasceu uma menina, muito bonitinha filha de um rei, quando ele viu aquela menina ficou muito encantado, e disse:

– Quando essa menina crescê, né qualquer homi que vai casar com ela não. Vai ser um homi muito, mais muito especial. E pra saber que homi especial que é esse eu vou ter que arrumar um desafio para ele vencê, e aí quando ele vencê é que vai casar com ela.

O tempo foi passando e a menininha foi crescendo e o tal do rei pensando que desafio seria esse. E a menina só crescendo e já estava perto da menina casar. E o rei continuava a pensar qual desafio seria lançado.

Então, um dia, ele olhou para o lado e a menina estava lá, catando piolho na cabeça da rainha – dizem que rainha tinha tanto piolho na cabeça que a coroa até dançava na cabeça dela. Foi então que ele teve uma ideia: ele foi lá, pegou um piolho, arrumou uma caixinha de fósforo,

colocou o piolho lá dentro. Arrumou um aparelhinho e começou a tratar do piolho com sangue de pintinho de galinha.

Todos os dias o rei ia lá colocava sangue de pintinho da boca do piolho, e ele foi crescendo até chegar a ponto de não mais caber na caixinha de fósforo.

Por isso, o rei arrumou uma caixa de sapato e colocou o bicho lá dentro e continuou a tratar dele com o tal do sangue de pintinho de galinha. E o bicho continuou crescendo muito. Com isso, o tempo passou e ele já não cabia mais na caixa de sapato.

Arrumaram uma caixa de bolacha e colocaram o bicho lá dentro e continuaram a tratar dele e ele só crescendo. O piolho chegou a um tamanho que não cabia mais na caixa de bolacha e conseguiram uma caixa de geladeira para colocá-lo e trataram dele mais um tempo. E ele não parou de crescer.

Cresceu tanto que já não cabia mais na caixa de geladeira. O rei resolveu fazer um chiqueiro e colocar o bicho lá dentro, trataram dele mais um tempo e quando ele ficou do tamanho de um capado de gordo, o rei matou o piolho, tirou o couro fez um travesseiro e aí lançou o desafio dizendo:

– Aquele que descobri do que é feito o travesseiro da princesa é que vai ganhar a mão dela em casamento. E pode ser qualquer um, rico,

pobre, qualquer um que vier e descobri ganha a mão da princesa em casamento.

De tempos em tempos uma fila de homens se formava em frente ao castelo. Eles passavam a mão no travesseiro e dizia ser couro de vaca, couro de boi, outros diziam ser couro de cachorro, gato, lagartixa etc., mas ninguém descobria de que material o travesseiro da princesa era feito.

Ali por perto, existia um rapazinho pobre, meio sem rumo na vida, e um dia ele levantou e disse:

– Olha, quer saber de uma coisa? Eu estou aqui sem rumo na vida, não tenho nada pra fazer, vou lá nesse castelo e vou descobrir do que é feito o travesseiro da princesa.

Então, foi pra o castelo. Durante o trajeto ele avistou um menino, bem pobre, na beira da estrada, pobre, encolhidinho e sem roupa no meio do mato. Ele foi até o menino e perguntou:

– Minino, o que você está fazendo aí?

O menino com seu jeito bravo respondeu:

– Sai pra lá que não quero conversa com você não!

Ele insistiu:

– Minino, o que você está fazendo aí sozinho, cadê seu pai, cadê sua mãe?

O menino outra vez, bravo, disse:

– Sai pra lá, que eu não quero conversa com você não!

– Vem comigo que eu tô indo lá descobrir do que é feito o travesseiro da princesa, vem comigo!

O menininho olhou pra ele e falou assim:

– Ó, sai pra lá que eu não quero conversa com você não, que eu não quero ver bobeira de couro de piolho não!

Ele ficou pensando: piolho, aquele bichinho e tal... Ele largou o menino para lá, e continuou seu caminho para o castelo. Chegando lá no castelo estava aquela fila de homem e se juntou a eles. E o povo só comentando do que era feito o travesseiro da princesa: – Ah, isso é couro de cachorro, couro de passarinho...

Quando chegou a vez dele as pessoas já haviam falado todos os tipos de bicho que tem no mundo. O rapaz passou a mão no travesseiro e resolveu arriscar o que o menino tinha dito para ele. Ele passou a mão e disse:

– Ah, isso é feito de couro de piolho!

Foi aquela agitação no castelo, o rei mandou todo mundo sair, fechou as portas e sentou diante do rapaz e falou:

– Mas rapaz, como que você ficou sabendo disso, ué?! Como que pode um bichim desse tamanho dá um travesseiro desse tamanho? Quem te falou? Como que você descobriu isso?

O rapaz era muito honesto e contou que encontrou o menino na beira da estrada, e esse menino contou a ele que o travesseiro da princesa era feito de couro de piolho, e que mesmo sem saber se era verdade, resolveu arriscar falando o que o menino lhe tinha dito. O rei olhou para ele com cara de bravo dizendo:

– Peraí, vai casar com minha filha qualquer um não. Já falei com cê que vai casar com minha filha um homi muito especial. Não vai casar com ela de jeito nenhum home mentiroso. Cê vai ter que ir lá, buscar esse menininho, trazer ele aqui, porque eu quero saber que menininho é esse.

O rapaz voltou lá na estrada para buscar o tal menininho. Quando o rapaz chegou, o menino estava lá abaixado. Ele pegava o menino pelo braço o menino corria, e o rapaz corria atrás dele. Com muito custo ele conseguiu levar o tal do menininho lá no castelo. Chegando lá colocou o menininho diante do rei que perguntou:

– Minino, como você descobriu? Como que pode um piolho dá um travesseiro desse tamanho?

O menininho respondeu:

– Ah, seu rei! O senhor quer saber de uma coisa, cê tirou o bicho da cabeça dessa rainha piolhenta, e foi tratando dele, ele cresceu, cê matou, tirou o couro e fez o tal travesseiro.

O rei ficou assustado e começou a se questionar quem que iria ter o direito de casar com a princesa. Pois quem falou primeiro foi o rapaz, mas quem descobriu mesmo foi o menino. Seria muito estranho uma princesa tão linda se casar com um menino. O rei, então, disse:

– Vamos fazer o seguinte, leva esse povo daqui, aproveita e dá um banho nesse menino que ele tá muito sujo e eu vou reunir aqui para saber o que eu vou fazer.

O rei foi para sala dele e reuniu-se com seus conselheiros. Enquanto isso foram dar banho no menino. Colocaram ele numa bacia e quando jogaram água na cabeça do menino ele começou a crescer muito e saiu de dentro da bacia com cara de príncipe, roupa de príncipe e corpo de príncipe. Ele tinha muito boa aparência.

Foi então que todos descobriram que aquele menino era um príncipe enfeitado há muito tempo atrás, e o feitiço só ia ser quebrado no dia em que alguém lhe desse um banho.

Quando a princesa o viu, achou graça porque ele era um príncipe muito bonito. O rei ficou empolgado em saber que um príncipe iria se casar com a princesa e acabou fazendo o casamento dos dois. O rapaz,

que levou o menininho até o castelo, ganhou muitas coisas que o príncipe deu a ele. E hoje continuam morando lá no Vale do Jequitinhonha e de vez em quando têm-se notícias deles, que inclusive já têm filhos.

O couro do piolho, história contada pelo professor e contador de histórias Josiley Francisco de Souza, foi transcrita e editada por Jordana Nogueira Matos.

Homem do Dedão

Há muito tempo, lá no Vale do Jequitinhonha, morava um sujeito que era pobre demais. Ele era pobre, mas tão pobre, que nem nome ele tinha. Seu dedão do pé era muito grande, fora a unha que ele não usava cortar.

Então todo mundo o conhecia como Homem do Dedão. Um dia, ele estava lá no meio do mato trabalhando, pegou, juntou as coisas e falou assim:

– Óia, cês qué sabê de uma coisa? Eu num vô fica aqui mais. Eu vô saí pro mundo afora, eu vou melhorá de vida, que eu vô melhorá minha condição, eu num vô fica aqui mais.

Ele juntou as coisas e saiu viajando pelo mundo afora. Saiu viajando a pé porque ele não tinha dinheiro para pagar passagem de ônibus nem nada. O Homem do Dedão foi andando, andando, andando e numa altura da estrada, ele viu um sujeito com um machado cortando tudo. Ele chegou e perguntou:

– Moço, o que ocê tá fazendo com esse machado desse jeito?

Aí o homem explicou:

– Óia, meu nome é João Ranca Toco e, como eu num tenho nada pra fazê da vida, eu passo o dia todo cortando toco aqui. Aí passa um fazendero, me dá uma coisinha, um me dá outra, e assim eu vô levano minha vida.

O Homem do Dedão disse a ele:

– Vão fazê o seguinte: eu tô andano pelo mundo afora, vô ficá rico e ocê vai trabaiaá pra mim.

O João Ranca Toco animou com aquele negócio, guardou o machado dele na sacola e saiu acompanhando o Homem do Dedão. Eles saíram andando, até chegar em um lugar que tinha uma pedra enorme, e lá de trás dessa pedra vinha um barulho de cascalho quebrando.

Os dois chegaram perto e viram que tinha um sujeito com uma pedra na mão. Ele abria a boca e enchia ela de pedra, mastigava e engolia. Eles ficaram assustados e falaram:

– Moço, o que ocê tá fazeno assim, desse jeito, comeno pedra?

Ele explicou:

– Olha, eu sô uma pessoa que come dimais. Se eu matá um boi aqui agora, eu me alimento. Nessa crise aí, eu fico o dia todo cumeno pedra, num tem nada pra cumê.

O cara do dedão veio com a mesma história e disse:

– Não, vem comigo que eu tô viajano pro mundo afora, já tô cum cumpanheiro aqui, eu vô ficá rico e ocê vai trabaiaí pra mim.

Engole Pedra animou e saiu acompanhando eles. Saíram andando, e mais na frente encontraram com mais um homem. Esse estava com uma espingarda, preparando pra atirar, os três chegaram perto dele pra conversar e ele logo disse:

– Ocês espera só um poquim.

Deu um tiro e, depois ele falou assim:

– Óia, cabei de matá uma onça a seis léguas de distância daqui.

Eles ficaram assustados. Aí o Homem do Dedão falou assim:

– Mas moço, o que ocê tá fazeno aí atirano desse jeito?

– Eu sô uma pessoa que num tem nada pra fazê da vida, eu passo o dia todo matano umas onça lá por trás daquela serra, rancano umas unha de urubu, fazendo mira por debaixo daquelas nuvem e vô levano minha vida.

Mais uma vez o Homem do Dedão contou a história:

– Eu tô viajano pelo mundo afora, tô cum companhero aqui, vô ficar rico, vem comigo que ocê também vai trabaiaí pra mim.

O homem ficou animado, guardou a espingarda e saiu acompanhando eles, e ficou pensando:

– Ô gente, se tivesse alguém pra buscá essa onça a seis léguas de distância...

Viajando a pé não tinha jeito, continuaram andando e mais na frente encontraram mais um para fazer parte do grupo. Esse estava com a perna amarrada pra trás, pulando numa perna só. Aí ele falou assim:

– Moço, o que ocê tá fazeno aí com essa perna amarrada pra trás?

– Eu sô uma pessoa que eu corro dimais; se disamarra minha perna aqui agora, em cinco minuto eu vou lá do outro lado do mundo e volto correno. Mas nessa crise aí no mundo, eu num vô gastá minhas perna à toa, então eu fico o dia todo com minhas perna aqui amarrada.

– disse o homem.

Eles imediatamente lembraram da tal onça, que o atirador tinha matado, a seis léguas de distância e pediram para ele:

– Olha, quem sabe ocê num pode buscar uma onça que um cumpanheiro nosso ali matou. É seis léguas de distância, pra nós cumê que nós tamo morreno de fome.

Ele pediu pra desamarrar as pernas dele e com menos de um minuto, ele trouxe a onça nas costas. Eles partiram, assaram e foram comendo no caminho. E continuaram andando, foram viajando. Mais a frente encontraram com mais um. Esse estava deitado com a cabeça colada no chão. Então resolveram chegar perto dele pra conversar:

– Gente, o que ocê tá fazeno aí com essa cabeça colada no chão?

– Ah, eu sô uma pessoa que tô sem rumo na vida, aí eu passo o dia todo assim escutano umas missa lá do outro lado do mundo, escutano umas fofoca de rei lá nos outro país longe, e vô levano minha vida.

Aí o cara do dedão falou assim:

– Ó, eu tô viajano pelo mundo afora, tô aqui cum companhero, eu vô fica rico, ocê vai trabaiá comigo. Vem, vem que eu vô arruma serviço procê.

O Escuta também foi acompanhando eles. Andaram bastante e chegaram em um lugar que tinha uma casa enorme. Uma fazenda muito grande, e o dono dessa fazenda era um rei muito rico. Esse rei estava disposto a dividir a riqueza dele com qualquer pessoa, só que tinha um problema. Ele passava três tarefas: se a pessoa cumprisse as três tarefas, ficava rico e levava metade das riquezas do rei. Se não cumprisse uma das tarefas, o rei mandava a pessoa lá pra um lugar secreto e cortava a cabeça deles fora. O cara do dedão, meio sem rumo na vida, foi ver com o rei se ele podia ter ajuda dos seus companheiros. O rei falou com ele:

– Ó, ocê pode pedir ajuda de quem você quisé, mas se num cumpri uma das tarefas, eu mando matá é todo mundo.

Eles resolveram arriscar. O rei, então, passou a primeira tarefa que era ir lá no fundo do quintal dele e cortar um pé de peroba. Pé de peroba é uma madeira muito dura e tinha que ir lá e cortar o pé de peroba em três minutos. O João Ranca Toco, rancou o machado da sacola e falou assim:

– Opa, deixa que eu vô lá.

O rei deu a largada e ele tá batendo e com um minuto, ele já estava pra jogar a árvore no chão. O rei virou e falou assim:

– Peraí, moço, peraí, ocê num precisa dessa pressa toda assim não, eu vô pará o relógio aqui, ocês vai ali na cozinha, vai tomá um café. E lá tinha um fogão a lenha igual esse aqui. Então ocês vai lá, vai tomá um café e daqui a pouco ocês voltam pra termina o serviço aqui.

Foram lá tomar o tal do café, só que o rei tinha uma feiticeira, e assim que eles saíram, a feiticeira foi lá e jogou um feitiço no pé de peroba. Quando eles voltaram, o pé de peroba estava mais largo. Mas o João Ranca Toco era bom demais no machado e com mais um minuto, ele derrubou a árvore no chão e falou assim:

– Espera um poquim.

Rançou a raiz, partiu em duas e pôs lá pra ele ver. Ele ficou assustado e pensou:

– É, esse trem tá danado, viu?! Agora eu quero ver é quem vai cumprir a segunda tarefa.

E a segunda tarefa era apostar com a tal da feiticeira uma corrida. A tarefa da corrida é ir lá do Vale do Jequitinhonha com uma garrafinha, ir no mar, encher a garrafinha com água do mar e voltar correndo. Quem chegasse primeiro com a garrafinha cheia de água do mar ganhava a corrida. O Corredor que foi apostar corrida com a feiticeira.

– Ou, desamarra minhas perna que eu vô lá aposta corrida com essa muié. – disse o Corredor.

Quando o rei deu o tiro da largada, assim que a feiticeira foi pra dar o primeiro passo, o corredor já tinha sumido numa nuvem de poeira, foi no mar, encheu a garrafinha dele de água do mar e correu voltando. E no percurso de volta encontrou com a feiticeira que ainda estava indo. E ela parou o Corredor dizendo:

– Peraí, peraí, moço, peraí! Eu nunca vi um homi que corre desse jeito. Chega aqui, eu quero te dá um presente.

E deu pra ele um anel. Quando ele colocou o anel no dedo, que estava enfeitado, ele caiu desmaiado no chão. A feiticeira, na sacanagem, pegou a água dele e jogou fora, correu no mar, encheu a garrafa dela de água e veio voltando. E de lá os companheiros desesperados se perguntavam:

- Gente, cadê o corredô que não chega.

E começaram a perceber que a poeirinha que vinha lá de trás do morro não era a poeirinha lá do corredor, era da feiticeira.

- E agora, cadê esse homi? Nós vamo tudo morre?

E aí naquele desespero todo, o Escuta falou:

- Opa, deixa eu vê o que tá aconteceno.

Quando ele colocou a cabeça no chão, ele levantou desesperado:

- Gente, nussa senhora! Agora nós vão morre todo mundo. A feiticeira colocô um anel no dedo do corredô, ele caiu lá pro lado do mar desmaiado, dormino. Daqui eu tô escutano o ronco dele, cumé que nós vão fazê?

O atirador rançou a espingarda e falou:

- Peraí que eu vô resolve esse problema. Que direção que ele tá?

- Tá naquela ali ó!

- E esse anel, tá em qual dedo?

- Tá no maior de todos da mão direita.

Ele fez a mira e deu um tiro. Essa bala viajou e foi no dedo do Corredor e quebrou o anel. Ele levantou assustado, passou a mão na garrafa, correu lá no mar, voltou correndo e ainda chegou uns vinte minutos na frente da feiticeira. O rei ficou assustado com aquele negócio:

– É, gente, esse trem tá danado! Mas agora eu quero vê quem vai cumpri é a terceira tarefa.

E a terceira tarefa era apostar com a feiticeira quem que comia um boi primeiro. O Engole-Pedra logo se apresentou:

– Opa, dexa comigo! Tinha um tempão que eu não comia um boi intero. E eu quero aquele ali ó. – disse ele.

E matou o maior boi e colocou pra ele. Mataram um boi menor e colocou pra feiticeira e o rei deu a largada.

A feiticeira está comendo o boi dela e ele comendo o boi dele. Ele estava numa fome tão desesperadora que ele terminou de comer o boi rapidinho. Quando ele terminou olhou para o lado e a feiticeira ainda tava na metade do boi dela. E ele, naquela fome desesperada, não aguentou, pulou e comeu a metade do boi da feiticeira. E a feiticeira falou assim:

– Opa, agora acabou a história, assim num vale. Ocê comeu o seu boi e comeu a metade do meu boi, agora vai todo mundo morrê.

E ele, naquela fome toda, pulou e comeu a feiticeira também. O rei ficou assustado demais com aquele negócio e falou:

– Opa, isso aí num vale não! Ocê cumeu o seu boi, cumeu a metade do boi da minha feiticeira e ainda comeu minha feiticeira. Isso não pode de jeito nenhum. Vai todo mundo morre!

Ele virou pro lado do rei e falou:

- Ah é, intão chega ocê aqui também.

O rei ficou assustado e já foi logo dispensando eles:

- Opa, pode embora e pode leva metade da minha riqueza.

E aí eles foram embora, levaram metade da riqueza do rei e dividiram entre eles.

Até hoje eles estão morando lá no Vale do Jequitinhonha e muito bem de vida por sinal.

Homem do Dedão, história contada pelo professor e contador de histórias Josiley Francisco de Souza, foi transcrita por Thais Silveira Venzel e editada por Jordana Nogueira Matos.

Composto em caracteres Verdana e
impresso a laser em papel reciclado
75 g/m² (miolo). Acabamento em kraft
420 g/m² (capa) e costura artesanal
com cordão encerado. Acompanha CD.



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.